



8 DE SETEMBRO

CARLOS CUNHA

Dia 8 de setembro é uma data de grande significação para São Luís. É o dia da fundação pelos franceses durante o período de dominação que exerceram aqui. Não foi uma cidade fundada sem espírito de luta. Ao contrário, São Luís (nome escolhido em homenagem ao Rei de França) surgiu como impulsos de conquista de outro povo. Por outro lado, a ilha já existia muito antes da oficialização francesa. Já tinha uma história bela do ponto de vista humano. Os nossos nativos viviam um modesto padrão de existência lírico, bucólico, romântico e sentimental.

O surgimento dos franceses é apenas um capítulo a mais na sua história brava e heróica. Dos franceses ficaram marcas indelévels de influências ético-econômico-culturais. O elemento africano, por sua vez, tem uma função relevante no quadro social de São Luís (tanto como força de trabalho que criou riquezas como em setores culturais essenciais).

Eis suscitantemente as origens de uma cidade antiga com mais ou menos quatro séculos que recebeu o nome solene de São Luís. Em tempos passados adquiriu fama de pólo intelectual fervilhante. Disputa a beleza da antiguidade colonial em termos de arquitetura de seus casarões em pé de igualdade com outras cidades centenárias do País. Hoje, ainda conserva os traços

antigos do passado de uma aristocracia em pleno apogeu. Começa a modernizar-se e a adquirir foros de metrópole com a complexidade crescente de sua vida econômico-social.

Outra São Luís moderna, de palacetes e mansões milionários se projeta às margens das praias deslumbrantes. Os acontecimentos do cotidiano deste ano de 1978 a tornam quase irreconhecível para os velhos maranhenses que conheceram São Luís uma ilha pacata à época em que um avião impressionava a população. Agora, São Luís ingressa na era em que a sociedade brasileira afirma-se como centro industrial de expressão no continente latino-americano. Conta também com um parque industrial incipiente, é bem verdade, mas que já começa a ganhar respeitabilidade junto aos demais Estados.

E a poesia maranhense? Se nos últimos trinta ou cinquenta anos vivemos etapas obscurantistas em política, cujos atores praticavam uma agonizante programática de governo, o tristemente célebre clientelismo, o que em parte prejudicou ou retardou as compulsões dinâmicas desta cidade, em arte literária atravessamos uma espécie de idade de ouro. Não em nível quantitativo, os talentos poéticos, por exemplo, costumam ser escassos em qualquer lugar do mundo e em qualquer ramo da inteligência (seja em ciências sociais ou

naturais, seja em arte).

Pois bem, além de 8 de setembro ser um evento significativo para esta ilha, neste mesmo dia há um ano atrás morreu um de seus maiores poetas. Sozinho na grandeza do seu gênio criativo poupou esta geração de limitações intelectuais. Com sua notável obra poética de reconhecida notoriedade nacional pela crítica mais exigente construiu para o presente e o futuro um monumento literário de singular perenidade. Poeta do povo, pois jamais regateou em cantar suas angústias e sofrimentos, Bandeira Tribuzi, como intérprete genial da alma do povo maranhense, dedicou belas composições à sua cidade. Ora lírico na manifestação das belezas de São Luís, ora grave em seus momentos de identificação com problemas coletivos.

O poeta, jornalista e economista Bandeira Tribuzi morreu numa data importante para a nossa comunidade. E viveu com dignidade os momentos de sua vida. Sempre se ligou ao lado positivo do ser humano. Jamais fez concessões à hipocrisia e leviandades. Viveu e morreu com grandeza humana. Sofreu infâmias e perseguições por tudo isso. Para um poeta maior que importa o sofrimento quando sabemos que, apesar de todos os retrocessos do homem através da história, a vitória dos espíritos superiores sobre as fraquezas humanas é algo absolutamente certo mais dias menos dias?

Morre Tribuzi aos cinquenta anos. Morre um homem. Perde o Maranhão um filho ilustre, dos maiores talentos modernos da mesma terra que gerou o estro imortal de Gonçalves Dias.

Bandeira Tribuzi, um poeta de dimensão nacional. E um homem universal. Tribuzi era antes de tudo um bom. Seu coração, que parou tão cedo, parou por muito amar. Muito bem queria aos seus - mulher, filhos, irmãos, amigos, toda essa gente que fica mais perto - o coração imenso de Tribuzi cabia dentro de si toda a humanidade.

Conheci-o há muitos anos. Generosamente, foi logo me dizendo "de há muito queria apertar-lhe a mão. Nossas almas são gêmeas."

Filho de pai rico, Tribuzi renunciou a todos os bens materiais, à fortuna que lhe estava ao alcance da mão, para ser apenas o poeta do povo e o grande advogado das causas do Maranhão e da sua gente, como jornalista, como homem de cultura a serviço constante dos interesses do seu Estado. Que o diga o senhor Sarney.

**Adeus
a
Tribuzi**

BLANCHARD

GIRÃO

Demorou-se em Portugal na juventude, quando negro luto envolvia o berço de Camões. E isto aguçou nele o bem-querer da liberdade.

Bandeira Tribuzi, soldado das lutas pelos direitos de todos os homens. Sentia o abandono do caboclo timbira, consumido pelas doenças tropicais, pelo vício da tiquira e da maconha. Poeta simples, humilde, discípulo de São Francisco de Assis no desprezo ao luxo e à riqueza.

Outro dia, no seu cinquentenário, vieram os nomes mais consagrados da intelectualidade brasileira dar-lhe um abraço lá mesmo na sua querida São Luís. Daqui de longe, do meu semi-anonimato mandei-lhe o meu, que ele o sabia profundamente sincero.

Ninguém adivinhava que se fazia a despedida ao grande amigo. Amigo não somente dos homens de letras, mas principalmente o amigo do povo maranhense, o amigo de todos os brasileiros, o amigo-amante da humanidade. Adeus, Tribuzi.